450 Seventh Avenue, Suite 601 | New York, NY 10123
TEL +1-347-470-6232 | FAX +1-866-211-8479 | Info@OrisaCDC.org | www.OrisaCDC.org

PROFESSIONAL SKILLS. COMMUNITY INTERESTS.

13 de dezembro, 2011

Sua Santidade o Papa Bento XVI,

Nós, do conselho executivo da Orisa Community Development Organization (Orisa CDC), uma organização baseada nos Estados Unidos sem fins lucrativos dedicada ao fortalecimento econômico e social dos praticantes de tradições de Orixá - uma das religiões nativas do Benin, um país que a Sua Santidade visitou recentemente - estamos escrevendo esta carta em resposta à recém-revelada exortação *Africae Munus*. Embora compreendamos o desejo da Sua Santidade de fazer o que sente ser o seu dever como Papa, há vários trechos da exortação que nós, como pessoas de descendência africana e praticantes de religiões indígenas africanas, achamos profundamente preocupante. Esperamos que a Sua Santidade vá considerar entrar em diálogo conosco e aqueles que se aliam conosco na busca de facilitar as relações inter-religiosas que vão realmente permitir que cada um de nós podamos "viver a nossa fé livremente" - uma idéia articulada pelo seu predecessor, o Papa João Paulo II após a sua visita a Cuba em 1998.

Numerosos praticantes e estudiosos das religiões indígenas em todo o mundo, incluindo muitos de nós na Orisa CDC, foram encorajados pela recente reunião que a Sua Santidade realizou no Vaticano, na qual se reuniram diversos líderes religiosos para denunciar o extremismo religioso e a violência. Ficamos particularmente renovados pela sua inclusão no diálogo de líderes religiosos tradicionais da África e das Américas e pela sua censura da violência histórica cometida no nome do cristianismo. Dado este sentido de inspiração, foi profundamente decepcionante que pouco mais dum mês depois, a Sua Santidade faria uma decreto como o *Africae Munus* que, ao nosso ver, apela pela violência cultural sistêmica contra os africanos.

Em particular, o apelo da Sua Santidade pela "inculturação profunda" e a "evangelização profunda da alma africana" são alarmantes. Estas declarações, apesar de não incitar a violência física, certamente incentivam formas de violência culturais que reinscrevem africanos - e muitos outros povos não-cristãos e não-brancos, por extensão - como primitivos e precisando de "civilização" que, supostamente, só o cristianismo pode oferecer. Embora redigida em termos do amor divino de Deus, a realidade do *Africae Munus* é que o apelo pelo ostracismo das religiões indígenas africanas e o que a Sua Santidade chama de formas de cristianismo "excessivamente africanas", é essencialmente um apelo pelo ostracismo das culturas africanas, como entendimentos espirituais são muito profundamente incorporados na cultura da maioria dos povos africanos. Uma grande parte do meio social cultural católico - incluindo o celibato dos sacerdotes, e um dogma rigoroso e exclusivista - está em contradição direta com valores e éticos culturais africanos que são, em geral, centrados na família e inclusivos. Como tal, buscando "profundamente evangelizar" e de substituir meios indígenas de reconciliação - que são em grande parte comum - com a confissão pessoal individualizada, está diretamente buscando alterar a orientação e compreensão cultural das pessoas, dum sistema africano ao um sistema cristão eurocêntrico, e mais uma vez, afirma concepções estrangeiras eurocêntricas como superiores aos seus próprios entendimentos

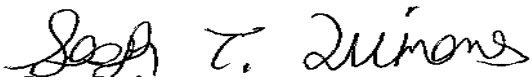
nativos. Esas ações são iguais ao imperialismo cultural a curto prazo e genocídio cultural a longo prazo. Ambos tinham sido tentados antes e nós não consideramos aceitável.

Embora a Sua Santidade expresse consternação com a realidade da "dupla filiação" - significa uma filiação com o cristianismo e também com as religiões indígenas africanas - na África, é imperativo entender que se não existisse a dupla filiação, a Igreja Católica teria muito menos adeptos na África, na Ásia e nas Américas. Ao contrário da declaração na seção 91 de *Africae Munus* que condena as "seitas sincréticas que surgiram nas últimas décadas" estas seitas já existiam não por algumas décadas, mas há centenas de anos. E eles surgiram precisamente porque os africanos e outros povos indígenas foram "profundamente evangelizados" sobre a invasão das suas terras, a escravidão dos seus corpos e a declaração da Igreja Católica que "pagãos" são "inimigos de Cristo" no *Romanus Pontifex* e outras bulas papais problemáticas - muitos dos quais nunca foram oficialmente anulados. Embora muitos povos nominalmente tinham convertido por várias razões, é claro que eles nunca desistiram de suas entendimentos culturais nativas. E nós não sentimos que eles devem continuar a ser pressionados a desisitir agora.

Dado o clima de racismo intenso, eurocentrismo, e cristocentrismo que persiste neste planeta por pelo menos os últimos 500 anos, nós, da Orisa CDC, vemos a sobrevivência das religiões e culturas africanas - e todas as culturas e religiões indígenas - como um milagre e uma bênção. Povos no mundo inteiro estão abertamente recuperando suas culturas, terras, línguas e religiões e eles não ficarão de braços cruzados enquanto as suas religiões, culturas e seres estiverem denunciados por aqueles que acreditam que há apenas uma "maneira certa" de ser e viver neste planeta. Embora entendamos que daqueles que buscam evangelizar alguns são verdadeiramente bem intencionados, afirmamos nosso direito de recusar respeitosamente a evangelização e viver nossas vidas como nós escolhemos, sem qualquer forma de interferência, bem-intencionada que seja.

O corpus sagrado de conhecimento do povo Iorubá, conhecido como odù Ifá, nos ensina que devemos viver em equilíbrio e harmonia com o mundo, não em domínio sobre ela. Assim, não temos nenhum desejo de dominar ou suprimir o cristianismo - ou qualquer outra religião – nem buscamos a evangelizar ou procuramos apresentar a nossa forma de vida como a única maneira. O que desejamos é um diálogo verdadeiramente aberto e frutífero que respeite a dignidade humana, a liberdade religiosa e o direito de autodeterminação para cada ser humano. Gostaríamos de engajar-se em diálogo com a Sua Santidade e esperamos que a Sua Santidade vá considerar a altera do *Africae Munus* para expurgá-lo do seu conteúdo ofensivo. Este ato mostraria ao mundo que a Igreja Católica não está interessada na dominação, mas na expressão dum verdadeiro amor pela humanidade exemplificado por Cristo.

Assinado,



Joe T. Quinones
Chairman
The Orisa Community Development Corporation